DESNUDANDO A HOMOERÓTICA DO TRADUZIR: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE TRADUÇÃO DE POEMAS DE JEAN COCTEAU

STRIPPING DOWN A HOMOEROTICS OF TRANSLATION: AN ACADEMIC EXPERIENCE OF TRANSLATING THE POEMS OF JEAN COCTEAU

RESUMO

Há vários anos, os Estudos da Tradução se têm debruçado sobre questões que envolvem a poética, a ética e até mesmo a política do traduzir, como confirmam os trabalhos de Henri Meschonnic (2010), Antoine Berman (2013), Gayatri Chakravorty Spivak (1993), entre outros e outras. Entretanto, ainda que Roland Barthes (2006) já tivesse abordado o prazer do texto nos anos 1970, permanece pouco discutida certa *erótica do traduzir*, para a qual chamaram a atenção Sathya Rao (2005) e Pier-Pascale Boulanger (2005). O objetivo deste artigo é, pois, o de apresentar uma reflexão sobre os contornos dessa noção e de propor, a partir dela, a declinação em uma *homoerótica do traduzir*, motivada por uma experiência acadêmica de tradução de poemas homoeróticos de Jean Cocteau (1999), do idioma francês para o português brasileiro. Tal experiência tradutória configurou uma relação entre corpos: o do autor, o do tradutor, o corpo textual e os corpos diegéticos. Uma relação nutrida por memória, desejo, contato e prazer.

Palavras-chave: Erótica do traduzir. Jean Cocteau. Poesia homoerótica. Homoerótica do traduzir.

ABSTRACT[1]

For several years now, the general area of Translation Studies has focused on issues involving the poetics, the ethics, and even the politics of translation, as may be attested by the works of Henri Meschonnic (2010), Antoine Berman (2013), Gayatri Chakravorty Spivak (1993), among others. However, even though Roland Barthes (2006) had already addressed the pleasure of the text in the 1970s, a certain *erotics of translation* still remains underdiscussed, a matter which Sathya Rao (2005) and Pier-Pascale Boulanger (2005) drew attention to. The objective of this article is, therefore, to offer a reflection on the outlines of this notion and to propose – based on it – its refraction into a *homoerotics of translation*, prompted by the academic experience of translating Jean Cocteau's (1999) homoerotic poems from French into Brazilian Portuguese. This experience engendered a relationship between bodies: the author's, the translator's,

1 A tradução do resumo foi realizada por Alessandro Palermo Funari, a quem endereço meus mais sinceros agradecimentos.

Wellington Júnio Costa
Doutor em Letras: Estudos da Tradução pelo PPG-LETRA / USP. Professor adjunto de Francês da Universidade Federal de Sergipe. Membro do grupo de pesquisa Tradução em Relação – UFJF e do Transversal – Grupo de Pesquisa em Tradução Literária e Outras Poiéticas Translacionais – UFS. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3622-8192. E-mail: wellington.costa@academico.ufs.br.

the body of the text, and the diegetic bodies. A relationship nourished by memory, desire, connection, and pleasure.

Keywords: Erotics of Translation. Jean Cocteau. Homoerotic poetry. Homoerotics of translation.

Preliminares

O trabalho tradutório de obras literárias compreende, logicamente, uma poética, como destacam, entre outros e outras, Mário Laranjeira (1993) e Henri Meschonnic (2010). Se o primeiro concentra sua investigação nas práticas e respectivas estratégias de tradução de poemas, o segundo, em suas teorizações, estende o termo *poética* também à literatura em prosa. Segundo Laranjeira,

> Os elementos constitutivos da trama textual só terão a sua integração completada – e, portanto, tradução possível – quando, uma vez fechado o poema, a visão retrospectiva lhes der a circularidade totalizante sem a qual não teríamos a significância, mas apenas uma sequência linear de sentidos com referencialidade fora do texto. (LARANJEIRA, 1993, p. 84).

Para Meschonnic (2010), a *poética do traduzir* é reveladora de uma função e de efeitos críticos, no entendimento e na apreensão do ritmo por meio da busca por certa literalidade. Não uma literalidade de primeiro grau, compreendida na tradução dita *mot-à-mot* ou *palavra-por-palavra*, mas aquela que aponta para o que Antoine Berman (2013) chama de respeito à "letra", ou seja, aos elementos que caracterizam a poética do autor. O respeito à "letra", para Berman, é uma questão ética, de reconhecimento do *Outro* e de acolhimento da alteridade no texto traduzido.

De fato, a tradução não pode prescindir de uma ética, conforme evidencia Gayatri Chakravorty Spivak (2005, p. 58): "Esse relacionar-se com o outro como fonte da própria elocução é o ético como ser relacional, como um ser-para". Dessa forma, a tradução se situa, inevitavelmente, no campo das relações e, portanto, se insere, também, em uma política (SPIVAK, 1993), dada a sua função radicalmente social (MESCHONNIC, 2007). Logo, a atividade tradutória constitui-se em um complexo processo de interrelação cultural e não em uma mera passagem técnica de um código linguístico a outro.

Nesse sentido, todos esses conceitos – a poética do traduzir; a ética do traduzir; a política do traduzir – se atravessam, se imbricam e se confirmam no exercício da tradução, mesmo que de maneira intuitiva ou não explicitada.

Embora a poética, a ética e a política do traduzir mereçam, ainda, longa reflexão, isento-me dessa tarefa neste artigo, deixando as referências acima como indicações de leitura, para focar em outra noção menos explorada pelos Estudos da Tradução, mas

não dissociada do caráter relacional do trabalho do/a tradutor/a: a *erótica do traduzir*. Entendo essa noção como uma abordagem de quem traduz ao texto a ser traduzido, baseado nos estudos de Sathya Rao (2005) e Pier-Pascale Boulanger (2005), que partem do "prazer do texto" segundo Roland Barthes (2006).

O objetivo deste artigo é, pois, o de apresentar uma reflexão sobre os contornos dessa *erótica do traduzir* e de propor, a partir dela, a declinação em uma *homoerótica do traduzir*, motivada por uma experiência acadêmica de tradução de poemas homoeróticos de Jean Cocteau (1999), do idioma francês para o português brasileiro.

Assim, na seção seguinte, apresento uma introdução à *erótica do traduzir*, a partir da qual proponho, na sequência, o desnudamento de uma *postura homoerótica* no ato de tradução, usando como exemplo minha proposta tradutória para três poemas de Cocteau (1999). Na conclusão, faço um compartilhamento do gozo.

A erótica do traduzir: uma introdução

Em um estudo que propõe uma *Virada Queer* na reescrita das identidades e dos desejos, José Santaemilia (2018) discute a *íntima* relação entre tradução e sexualidade, apontando duas vertentes: 1) a tradução da sexualidade, que contribui para a reescrita de identidades da comunidade LGBTQIAPN+ e 2) a sexualização da tradução, em que os pressupostos teóricos dos estudos da sexualidade afetam os Estudos da Tradução. É na segunda vertente que o autor reconhece as contribuições de Pier-Pascale Boulanger e Sathya Rao, que, em 2005, haviam publicado seus artigos sobre a "erótica do traduzir", na revista canadense *Meta*.

Primeiramente, é preciso entender a *erótica do traduzir* como uma abordagem que não se restringe à tradução de textos ditos eróticos ou pornográficos – distinção que não pretendo discutir neste artigo –, mas abrange quaisquer gêneros literários, pois, para além das temáticas, trata-se de como o tradutor enquanto corpo se aproxima do corpo-texto. Em seu célebre volume *O prazer do texto*, de 1973, Roland Barthes já sustentava a realidade corporal do texto:

> Parece que os eruditos árabes, falando do texto, empregam esta expressão admirável: *o corpo certo*. Que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala: é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, dos filólogos (é o fenotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação; do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (esses fogos vivos, essas luzes intermitentes, esses traços vagabundos dispostos no texto como sementes e que substituem vantajosamente para nós as *semina aeternitatis*, os *zopyra*, as noções comuns, as assunções fundamentais da antiga filosofia). O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

> corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica. (BARTHES, 2006, p. 23-24, grifos do autor).

É a partir de Barthes que Rao (2005) desenvolve seu artigo, cujo título nos instiga a uma reflexão importante e indica um caminho: "*Peut-on envisager l'avenir de la traduction sans plaisir? Pour une érotique du traduire*" (Pode-se considerar o futuro da tradução sem prazer? Por uma erótica do traduzir). Com efeito, o grande esforço intelectual, mas também físico, empreendido no trabalho do tradutor, que passa horas sentado diante de seu computador, durante a realização de sua atividade profissional, não pode, e nem deve, se limitar ao uso de uma dada técnica, com automatismos. Ao contrário, a abordagem deve ser, segundo Rao, erótica, para que o prazer se faça presente no ato tradutório. Isso contribui para o desenvolvimento de ações menos mecânicas e o estabelecimento de relações mais conscientes e sensíveis entre os corpos implicados na dinâmica da tradução. Este teórico preconiza, ainda, a superação de uma relação violenta na tradução, expressa pela queda de braço entre os pró-alvo (*cibliste*) e os pró-fonte (*sourcier*), por uma sutil relação que ele chama de "tradução-carícia" (*traduction-caresse*), uma tradução que não se realiza em um gesto de apropriação, nem de traição, mas em um gesto erótico de prazer mútuo.

Pier-Pascale Boulanger, por sua vez, ao discorrer sobre a relação dos corpos envolvidos nesse processo, afirma que:

> O corpo que traduz[2] reage às marcas sensíveis do texto, aquelas que para ele fazem sentido, e o prazer que ele sente decuplica a sensibilidade, agindo de volta sobre a escrita de seu texto. Na saída de seu encontro, os corpos se deixam transformados. O prazer é a prova do erótico, pelo qual o sujeito é constantemente chamado a agir, que afasta as formas de amor estéril e submisso, tais como a admiração e a adoração. Na medida em que ela se dá como o tempo pontual de um encontro entre dois corpos que interagem, a erótica do traduzir impede todo automatismo, seja aplicar estruturas da língua de chegada sobre o texto original ou decalcar este em suas formas etimológicas, lexicais, sintáticas ou fraseológicas. Nos dois casos, o gesto mecânico é uma prova de insensibilidade e vai de encontro à espontaneidade de Eros.[3] (BOULANGER, 2005, n.p. Tradução minha).

2 A autora utiliza o termo "corps traduisant" com o intuito de estabelecer uma distinção entre o "Tradutor-sujeito" e o "corpo que traduz" e assim se distanciar da relação entre "tradutor-sujeito" e "texto-objeto".

3 "Le corps traduisant réagit aux marques sensibles du texte, celles qui pour lui font sens, et le plaisir qu'il y prend décuple la sensibilité, agissant en retour sur l'écriture de son texte. À l'issue de leur rencontre, les corps se quittent transformés. Le plaisir est le gage de l'érotique, par lequel le sujet est sans cesse appelé à agir, qui écarte les formes d'amour stérile et soumis, telles l'admiration et l'adoration. Dans la mesure où elle se donne comme le temps ponctuel d'une rencontre entre deux corps interagissant, l'érotique du traduire empêche tout automatisme, qu'il s'agisse de plaquer des structures de la langue d'arrivée sur le texte original ou de calquer celui-ci dans ses formes étymologiques, lexicales, syntaxiques

Assim, pela abordagem erótica, o corpo que traduz chega ao texto com uma sensibilidade atenta ao que o corpo textual lhe oferece como atrativo no campo dos sentidos, aquilo que seduz os olhos e os ouvidos, despertando a memória do olfato, do paladar e do tato. Nesse contato de sedução, desejo e prazer – termos que uso no seu entendimento mais imediato, sem recorrer a complexas noções da psicanálise – o gesto mecânico deve ser excluído. Do contrário, a falta de cumplicidade e de sinergia resultaria, segundo Boulanger (2005), em um encontro sem prazer, em que os corpos se repelem. O que não significa que uma abordagem não erótica seja impossível, mas apenas tornaria o trabalho mais áspero e penoso, menos sensível e prazeroso.

Quando trata especificamente de textos ditos eróticos ou mesmo pornográficos, em que os efeitos poéticos ou narrativos buscam estimular fisicamente o leitor, Boulanger (2013) considera que a tradução seria encarregada de fazer passar a coisa erótica entre as línguas e entre os imaginários culturais, ainda que ela acarrete a transformação desses conteúdos; afinal, o apelo erótico não se repete necessariamente de uma cultura à outra. Nesse caso, é pela abordagem "erótica do traduzir" que o corpo que traduz conservaria sua sensibilidade leitora e se envolveria no processo, consciente da necessidade do prazer. Logo, percebo que a erótica do traduzir revela uma relação nutrida por desejos, contatos, prazeres e memória de vários corpos: o corpo autor, o corpo tradutor, o corpo textual e os corpos diegéticos, estes especialmente no âmbito dos textos eróticos ou pornográficos.

Assim, a *erótica do traduzir* pode tocar todos os textos ditos identitários, uma vez que o prazer do texto e do traduzir se dá no encontro do conteúdo com as poéticas do/a autor/a e do/a tradutor/a, indicando certo agenciamento de quem traduz (PALOPOSKI, 2009). Isso poderia ampliar a tarefa de traduzir, dando lugar a um/a tradutor/a antologizador/a, um/a tradutor/a revisor/a, um/a tradutor/a pesquisador/a dessas literaturas identitárias.

A partir dessa compreensão, a configuração da *erótica do traduzir* como abordagem me instiga a propor sua declinação em uma *postura*, na tradução de textos ou passagens eróticas ou pornográficas: a *homoerótica do traduzir*, noção que passo a desnudar a seguir.

A homoerótica do traduzir: experimentando outra posição

Antes de desenvolver minha proposta, sinto-me impelido a explicitar a escolha terminológica por *postura*. Em suas acepções dicionarizadas no Houaiss (2009) e no Novo Aurélio (1999), o vocábulo "postura" refere-se tanto a uma posição corporal quanto a um ponto de vista, uma maneira de pensar ou uma atitude. Logo, se *abordagem* indica uma aproximação, *postura* revela a posição do corpo e a maneira do agir durante esse deslocamento em direção ao outro. Mas proponho *postura* também como contraponto

ou phraséologiques. Dans les deux cas, le geste mécanique fait preuve d'insensibilité et va à l'encontre de la spontanéité d'Éros."

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

a uma *impostura*, entendendo, com Roland Gori (2014), o impostor como aquele que se adapta à expectativa do outro, ou seja, apaga, de alguma forma, a autenticidade de seus próprios traços, apenas para agradar, em um jogo de conveniências ou de interesses escusos, exatamente o contrário do que defendo como uma *homoerótica do traduzir*, em que o prazer deve ser autêntico, mútuo e compartilhado. Assim, *postura* me parece um termo bastante apropriado para designar um agir com subjetividade assumida em contexto que evidencia a relação entre corpos.

Então, quando se pensa na produção literária, em diversas línguas, ligada às questões LGBTQIAPN+ e na circulação dessas obras em espaços além de suas fronteiras linguísticas, torna-se necessário pensar a tradução a partir do reconhecimento dos corpos envolvidos nessas questões e de uma interação físico-textual ou até de uma incorporação do outro. Por essas razões, acredito que a *erótica do traduzir*, enquanto abordagem, se beneficiaria de uma postura *homoerótica*, quando se tratar de um texto erótico ou pornográfico. Diante disso, defendo a urgência de uma *homoerótica do traduzir*!

É evidente que, com este artigo, assumo certo ativismo, que se aproxima do terceiro eixo proposto por Baer e Kaindl (2018) em seu *Queering translation, translating the queer: theory, practice, activism*, ainda que eu pretenda focar, neste momento, apenas o homoerotismo masculino. Tal foco não exclui, entretanto, a possibilidade de uma maior abrangência da *homoerótica do traduzir*, pois é preciso compreender o *homo* empregado nessa noção como um prefixo e não como uma usual abreviação de homossexual ou do já consagrado termo *homoerotismo*, defendido por estudiosos da literatura, como José Carlos Barcellos (2002).

Assim como, na *erótica do traduzir*, "erótica" não é um adjetivo, mas um termo substantivado que nomeia um ato, que define uma abordagem; na *homoerótica do traduzir*, a "homoerótica" é também um termo substantivado, que nomeia uma postura e se distingue do adjetivo *homoerótico*, seja na sua forma masculina ou feminina, bem como do substantivo *homoerotismo*, este empregado na definição das relações de amor sensual entre pessoas do mesmo sexo e/ou gênero. O prefixo *homo* de *homoerótica do traduzir* deve ser lido simplesmente como semelhante, mas se refere a uma necessária identificação entre o imaginário erótico do autor, expresso no corpo textual a ser seduzido, quero dizer traduzido, e a memória erótica do corpo que traduz, seja de homem, mulher, não-binárie, cis, trans, intersexo, gay, lésbica, bi ou heterossexual. O que é imprescindível, insisto, é que na *homoerótica do traduzir* haja uma convergência sincera de imaginários eróticos, construídos a partir de desejos, vivências e prazeres. Ou seja, um imaginário erótico expresso por um autor heterossexual pode convergir, por exemplo, com a memória erótica de um tradutor também heterossexual ou uma tradutora, fazendo com que adotem, em seu trabalho, uma postura de sensualidade diante do texto, que chamo de *homoerótica do traduzir*.

Considerando que tal *postura* só pode ser atestada pela expressão de uma subjetividade assumida no processo tradutório, em que o/a tradutor/a rompe com a sua discutida invisibilidade (VENUTI, 2021), por meio de notas, prefácios, posfácios e/ou comentários, permito-me exemplificar a *homoerótica do traduzir* com elementos

trabalhados na minha própria tese de doutorado (COSTA, 2024), realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da Universidade de São Paulo, sob a orientação do professor Álvaro Faleiros[4]. Mas antes, talvez seja pertinente que eu me apresente, para que os comentários sobre os exemplos escolhidos encontrem os devidos nexos.

Eu nasci no interior de Minas Gerais e vivi meus primeiros dezoito anos em uma espécie de chácara, no seio de uma família numerosa e em constante contato com animais domésticos. Criança afeminada, muito dedicada à escola e com talento para o desenho, logo alimentei o sonho de estudar artes na capital do Estado. O êxito imediato no vestibular me levou ao curso de Belas Artes da UFMG, onde fiz uma graduação em cinema de animação, além de ter estudado desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia e moda. Durante esse tempo, comecei a estudar francês e a expressar cada vez mais explicitamente a minha homossexualidade. Depois de formado, morei alguns meses em Salvador, onde me engajei nos projetos de prevenção à AIDS do Grupo Gay da Bahia. Dois anos depois, de volta a Belo Horizonte, decidi prestar um novo vestibular, dessa vez para Letras Português-Francês, com o intuito de realizar, posteriormente, um mestrado em Literatura e outros sistemas semióticos. Por isso, desde o início do curso, eu procurava um tema para a minha futura dissertação. Foi em 2003 que vi uma pequena nota na revista erótica masculina *G Magazine* sobre uma grande exposição do Centre Georges Pompidou, em Paris, em homenagem ao multiartista francês Jean Cocteau. Ele tinha todos os atributos que me interessavam e que elencarei adiante. Então, fiz uma pesquisa sobre algumas de suas obras e defendi minha dissertação intitulada *Je(an) Cocteau: a construção do eu no desenho, na literatura e no cinema*, posteriormente publicada em livro (COSTA, 2016). Como desdobramento do mestrado, realizei a tradução do livro *A dificuldade de ser*, de Jean Cocteau (2015) e, depois da boa recepção dessa obra, traduzi *O Potomak* (COCTEAU, 2019). Essas experiências com tradução, dentre outras, me motivaram a fazer uma pesquisa de doutorado nessa área.

Na minha tese, apresento a tradução de um conjunto de poemas explicitamente homoeróticos do autor francês Jean Cocteau. Nascido em 1889 e falecido em 1963, Cocteau atravessou as vanguardas europeias da primeira metade do século XX, sem aderir especificamente a um ou outro movimento ou escola, mas rompendo, por si mesmo, com muitas convenções artísticas, nas múltiplas linguagens em que se expressava (literatura, desenho, dança, teatro, cinema...). Ele rompeu também com convenções sociais ao viver abertamente suas paixões homossexuais, em uma época distante das atuais conquistas dos ativistas pelos direitos humanos, conforme relatam as suas muitas biografias publicadas, como, por exemplo, o premiado livro de Claude Arnaud (2003). A obra multimidiática de Cocteau e sua personalidade visionária me haviam atraído desde o mestrado.

No processo de tradução que empreendi durante o meu doutoramento, entraram em questão um corpo autor, Jean Cocteau, que expressa seu homoerotismo em um corpo poético – um conjunto de poemas explicitamente homoeróticos escritos,

4 Quem agradeço por me ter encorajado a desenvolver essa ideia de uma *homoerótica do traduzir*.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

provavelmente entre os anos 1930 e 1950, segundo as pesquisas de Milorad (1981), e publicados pela primeira vez, postumamente, em 1981, no volume de uma reedição de seu romance, também explicitamente homoerótico e permeado de elementos autobiográficos, intitulado *Le Livre blanc*, e, em 1999, reunidos na seção "*Érotiques*" das Œuvres poétiques complètes do autor –, os corpos diegéticos dos personagens que figuram nos poemas, meu corpo tradutor e o corpo-texto da tradução.

Desse trabalho, trago, como exemplos, três poemas, que comento com o intuito de explicitar a postura tradutória adotada: a *homoerótica do traduzir*. Para melhor fazê-lo, apresento, primeiramente, um poema em língua francesa, seguido da minha leitura, e na sequência, a minha tradução, acompanhada de comentários que ilustram a minha argumentação. Repetindo essa mesma ordem na apresentação do segundo e do terceiro poemas.

L'élève Dargelos tenait la bête
Entre ses jambes et lui coupait le cou
Plumes chaudes et rouge crête
Cachaient son sexe sombre et mou

C'était ailée une culotte
Il fallait s'y habituer
Et le gros sexe ballotte
Sous le poulet qu'il a tué

Verge lourde, couilles ballantes
Et le grand coutelas de fer
Puis lavait sa bite sanglante
En bondissant dans la mer

(COCTEAU, 1999, p. 1017)

Neste poema, o sujeito lírico (COMBE, 2009-2010) observa um colegial nu chamado Dargelos, enquanto este degola um frango e, depois, lança-se ao mar para lavar seu sexo manchado de sangue. Dargelos é o nome de um colega de escola do jovem Jean Cocteau e um personagem recorrente nas suas obras: ele está presente em vários poemas, desenhos, no romance *Les Enfants terribles*, de 1929, assim como no filme *Le Sang d'un poète*, de 1930 e no livro *Portraits-souvenir*, de 1935. O frango não deixa de evocar o galo ainda novo, contido no nome do autor: *Coc* como *coq*, que significa galo, e *teau* sílaba homófona de *tôt*, que significa cedo. Os dois personagens, o jovem nu e o frango degolado, se fundem em um ato que sugere uma autocastração, ao mesmo tempo em que parece excitar o desejo erótico do sujeito lírico. A genitália de Dargelos, entrevista sob as asas do frango é descrita como grande, mole, pesada e escura, mas ainda impressionante, como a crista vermelha da ave de penas quentes e o grande cutelo de ferro usado na degola. Uma cena doméstica violenta, envolta de erotismo, pela espreita da nudez e a descrição sensual que traz para o primeiro plano

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

partes de um corpo humano e de outro não humano, como um detalhe ampliado na tela de cinema.

Esse entrecruzamento de corpos é permeado de marcas que interpelam particularmente um corpo tradutor, o meu, cuja memória erótica foi ativada pelo poema, produzindo uma tradução que se inscreve na relação desses corpos.

O aluno Dargelôs continha a besta
Entre as pernas e lhe cortava o pescoço
Plumas quentes e crista vermelha
Cobriam seu sexo escuro e frouxo

Era um calção de asas
Precisava sentir-se solto
E o grande sexo balançava
Sob o frango por ele morto

Bagos pendentes, mastro pesado
E o grande ferro de cortar
Aí lavava o pinto ensanguentado
Saltando pra dentro do mar

(COCTEAU *apud* COSTA, 2024, p. 457)

Nas manhãs de domingo da minha infância e adolescência, no quintal familiar de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, os meus olhos curiosos se fixavam no entrelaçar de pernas e asas, no gesto certeiro que abria o pescoço do frango com uma faca afiada, cujo brilho se cobria de um sangue escuro que jorrava dentro de um prato esmaltado. Ao lado, uma grande bacia de pedra com torneira metálica aguardava, cheia, os braços do degolador, que mergulhavam na água, na qual se lavavam e também a lâmina manchada do sangue quente da ave morta. Por vezes, o corpo degolado, após o abandono, saltava em espasmos durante breves instantes. A esta memória, despertada no ato tradutório do poema de Jean Cocteau, se juntou outra do mesmo período: a atração exercida sobre mim pelos calções folgados dos meninos mais crescidos que eu, que deixavam entrever, na sombra, o segredo dos corpos sentados distraidamente nas calçadas. Assim, a tradução do poema "O aluno Dargelôs..." se deu na convergência dos imaginários eróticos meu e de Cocteau, por meio de uma "tradução-carícia" (RAO, 2005) que leva o termo vulgar "*bite*" à quase bucólica figuração do "pinto". Ainda no jogo sensual dessa tradução, Dargelos ganhou mais liberdade corporal ao ter "sua necessidade de se acostumar com a cueca alada" expressa em uma necessidade de "sentir-se solto no calção de asas".

Passo a um segundo exemplo, no qual o personagem Dargelôs sai de cena, dando lugar a outras fantasias eróticas coctalianas, que também permitiram o acesso do tradutor ao seu próprio imaginário erótico, a partir do qual o exercício da *homoerótica*

do traduzir foi possível, uma vez que ambos os imaginários, o do autor e o do tradutor, convergem na criação sensual destes versos em suas respectivas línguas.

ÉTÉ

Branle ton sexe à pleine poigne
Jeune cycliste musculeux
Bientôt tel un cri tu t'éloignes
Recapuchonné ton gland bleu

Puisque en ce chandail on étouffe
Délivre-toi de ce chandail
Déjà mieux que l'odeur de l'ail
Étonne l'odeur de ta touffe

Celle de ta touffe humide et celle
Dans cette chaleur étouffante
Du velours secret de ta fente
Sur le cœur meurtri de la selle

Bel organiste du silence
Voici la fin de ton trajet
Et debout contre un mur le jet
Des cinq opales que tu lances

Bien sûr qu'on aime à épier
Même si simplement tu pisses
Et de savoir quelles épices
Corsent l'encensoir de tes pieds

(COCTEAU, 1999, p. 1022)

No calor do verão, o sujeito lírico se sente atraído, magnetizado pela visão de um ciclista musculoso que para diante de um muro para urinar. Jean Cocteau era um apreciador dos esportes e dos corpos masculinos, como confirmam seus desenhos, dentre os quais encontram-se imagens de ciclistas (COCTEAU, 1998). No poema, a cena espreitada pelo sujeito lírico suscita-lhe a fantasia que transforma o ato de urinar em masturbação e o desejo de desnudamento do corpo atlético observado. Pois que a retirada da roupa ajustada ao belo corpo faria exalar mais forte os odores da pele e dos pelos suados, aos quais se junta o odor dos pés, que atiça a curiosidade do observador. O seu interesse foca, ainda, a glande azul, novamente encoberta pelo prepúcio após a *ejaculação*, mas também a fenda das nádegas, que, pelo roçar constante, amacia o couro do assento da bicicleta. O voyeurismo alimenta, assim, os sentidos do tato e do olfato.

Entre texturas e odores, é pela abordagem *erótica do traduzir* que desenho a anatomia do desejado corpo do atleta, assumindo uma postura de convergência com Cocteau.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

VERÃO

Bate teu sexo com vontade
Jovem ciclista musculoso
E logo como um grito afasta-te
Com tua glande azul sob o gorro

Já que esta malha sufoca
Liberta-te já desta malha
Bem melhor que o odor do alho
O odor do teu tufo provoca

O do teu tufo úmido e o outro
Neste calor abafado
Do veludo secreto do teu rabo
Sobre o surrado selim de couro

Belo organista do silêncio
Este é o fim do teu trajeto
E em pé contra um muro o jato
Das cinco opalas que tu lanças

Que gostamos de espiar certo é
Mesmo se tu mijas simplesmente
E de saber quais ingredientes
Realçam o incensório dos teus pés

(COCTEAU *apud* COSTA, 2024, p. 459-460)

O tom um tanto fetichista, revela a fascinação pelo corpo atlético, seus fluidos e odores, compartilhada comigo, o tradutor, que sempre admirei a figura do ciclista, em sua indumentária que é uma segunda pele. Mas uma pele que, ao mesmo tempo em que encanta pela modelagem, suscita o desejo de vê-la retirada, para libertar os músculos tonificados pelo movimento contínuo do pedal. O meu olhar foca, alternadamente, em cada detalhe do corpo. A "glande azul sob o gorro" acende, na minha memória, a luz sensual do meu poema homoerótico preferido: "O prepúcio do crepúsculo", de João Silvério Trevisan (2000), em que, envergonhado, o prepúcio "se faz chapéu". Da forma "*cœur*" chego à matéria "couro" para revelar a íntima relação da desejada bunda com o selim da bicicleta, relação tantas vezes espreitada por mim, quando vejo passar um ciclista. Por fim, o olhar, líder dos sentidos, orienta o meu olfato na direção dos pés do admirado atleta. Assim, a base das minhas fantasias sensuais se conecta com aquela do autor para criar versos que fazem passar a coisa erótica entre as línguas e entre os imaginários culturais (BOULANGER, 2013).

O terceiro exemplo confirma a convergência dos imaginários meu, enquanto tradutor, e do autor, no campo do homoerotismo, ao mesmo tempo em que amplia nossos repertórios, apresentando novas situações.

Ces jeux de tous les âges
Et c'est de ce pain-là que mangent
Perchés sur leurs échaffaudages
Les modèles de Michel-Ange

Sans bien sûr oublier ici
Sortant d'une plaie inconnue
Le doigt pour se battre à main nue
Des jeunes drôles de Vinci

(COCTEAU, 1999, p. 1023)

Sendo ele mesmo um artista plástico e profundo conhecedor da História da Arte, o poeta decide brincar com duas referências da arte renascentista, evocando a notória homossexualidade dos grandes mestres Michelangelo e Leonardo da Vinci, pelas características dos seus respectivos modelos. Os de Michelangelo comem um certo tipo de "pão", empoleirados em seus andaimes, enquanto os de Da Vinci, esquisitos, engraçados, se pegam à mão nua. A ambiguidade expressa nesses versos sugere um erotismo cômico que meu corpo tradutor tenta recriar, pois em um texto erótico, "um antídoto eficaz contra a monotonia e o tédio é o humor[5]" (BOULANGER, 2013, p. 55).

Empoleirados na armação
Brincam inocentes modelos
E comem daquele pão
Como o mestre Michelangelo

E claro, sem esquecer o seguinte
Saindo de uma chaga desconhecida
O dedo para bater com a mão despida
Dos jovens engraçados de Da Vinci

(COCTEAU *apud* COSTA, 2024, p. 460)

Formado em Belas Artes e militante da causa LGBTQIAPN+, sempre busquei as minhas referências homoeróticas na vida e na obra dos grandes artistas e escritores. Como tradutor, me delicio com o jogo proposto por Jean Cocteau, me permitindo uma recriação que mobiliza as minhas próprias leituras da arte dos dois mestres renascentistas. "Aquele pão" passa a ser compartilhado entre Michelangelo e os seus modelos, de maneira mais explícita, em uma brincadeira "inocente"; enquanto o dedo saído de uma chaga desconhecida dos divertidos modelos de Leonardo da Vinci sugere um membro à espera da masturbação. Assim, esses corpos diegéticos se transferem sensualmente da página francesa coctaliana para a minha tradução, como amantes que mudam de cama.

5 "Un antidote efficace contre la monotonie et l'ennui est l'humour."

Embora os três poemas coloquem em cena personagens distintos e explorem situações diferentes – o colegial que mata o frango; o ciclista que faz uma parada por necessidade fisiológica; modelos sensuais que posam para dois grandes artistas –, todos se inscrevem na perspectiva do homoerotismo masculino. Esse imaginário diverso me provoca a mobilizar a minha memória erótica, enquanto o meu corpo se relaciona com o corpo-texto e os corpos diegéticos, na criação de uma tradução-carícia.

Conclusão ou o gozo compartilhado

Teoria e prática se entrelaçam nos Estudos da Tradução, suscitando noções e conceitos diversos, como os expostos acima. Obviamente, nem toda abordagem tradutória será erótica e nem toda *erótica do traduzir* compreenderá uma *homoerótica do traduzir*, mas a tradução ainda se fará. Contudo, o erótico é uma boa garantia de prazer e o prazer a expressão espontânea de uma sensibilidade contrária aos automatismos, como assinalara Boulanger (2005).

Pela *erótica do traduzir*, o corpo tradutor se aproxima do corpo textual, gerado por um corpo autor, visando a uma tradução-carícia. Se ele adota a *homoerótica do traduzir*, essa postura deve permitir-lhe acionar a sua memória, reconhecer, no corpo textual, o imaginário erótico do corpo autor e reconhecer-se nesse imaginário. Em suma, a *homoerótica do traduzir* garantiria a expressão da subjetividade do tradutor em sintonia com a subjetividade do autor, em uma relação de desejo e prazer que acessa imaginários eróticos convergentes, gerando traduções mais sensíveis e possibilitando a afirmação de identidades.

Neste artigo, o desnudamento da *homoerótica do traduzir* deu a ver, como por uma fresta de porta ou um buraco de fechadura, exemplos de uma experiência tradutória que, evidentemente, não abarcam todas as possibilidades dessa postura tradutória, mas apenas um recorte escolhido em que se privilegia o *homoerotismo masculino*, dentre todas as letras da cultura LGBTQIAPN+. Isto é, tais exemplos expõem a convergência do imaginário erótico de um autor assumidamente homossexual, o francês Jean Cocteau, cuja obra expressa seu homoerotismo, traduzido por outro homossexual assumido, eu mesmo, numa relação de identificação e de gozo compartilhado por meio de uma interação sensual entre poéticas corporificadas e reveladas por uma *erótica* e uma *homoerótica do traduzir*.

Referências

ARNAUD, Claude. *Jean Cocteau*. Paris: NRF/Gallimard, 2003.

BAER, B. J.; KAINDL, K. (ed.). *Queering translation, translating the Queer*: theory, practice, activism. New York; London: Routledge, 2018.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. *In*: Souza Júnior, José Luiz Foureaux de (org.). *Literatura e homoerotismo*: uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002. p. 13-66.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006. [1ª reimpressão da 4ª edição de 2004].

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução: Marie-Hélène Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Tubarão: Copiart, 2013.

BOULANGER, Pier-Pascale. "L'érotique du traduire". *In*: *Meta*, Université de Montréal, v. 50, nº 4, dez. 2005. Disponível em: https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1900-v1-n1-meta1024/019831ar/. Acesso em: 16/11/2022.

BOULANGER, Pier-Pascale. "Présentation". *In*: BOULANGER, P.-P. (dir.) *Traduire le texte érotique.* Montréal: UQÀM, 2013, p. 9-16.

COCTEAU, Jean. *A dificuldade de ser*. Trad. Wellington Júnio Costa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COCTEAU, Jean. *Ils*: Dessins érotiques de Jean Cocteau. Paris: Le Pré aux Clercs, 1998.

COCTEAU, Jean. *Le livre blanc*. Paris: Persona, 1981.

COCTEAU, Jean. Œuvres poétiques complètes. Paris: N.R.F/Gallimard, 1999.

COCTEAU, Jean. *O Potomak*. Trad. Wellington Júnio Costa. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

COMBE, Dominique. "A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia". Trad. Iside Mesquita; Vagner Camilo. *In*: *Revista USP*, São Paulo, nº 84, p. 112-128, dez.2009-fev.2010. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13790/15608. Acesso em 07/06/2025.

COSTA, Wellington Júnio. *Jean Cocteau: a construção do eu no desenho, na literatura e no cinema.* Uma análise "transartística". Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

COSTA, Wellington Júnio. *Presenças de Cocteau na imprensa brasileira*: mais de 100 anos controversos de história. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

G MAGAZINE. Paris homenageia Jean Cocteau. *In*: *G Magazine*, São Paulo, Fractal Edições, nº 74, p. 13, nov. 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LARANJEIRA, Mário. *Poética da Tradução*: do Sentido à Significância. São Paulo: Edusp, 1993. (Criação e crítica; v. 12).

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Lagrasse: Éditions Verdier, 2007.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILORAD. Introduction. *In*: COCTEAU, Jean. *Le livre blanc*. Paris: Persona, 1981. p. 9-23.

PALOPOSKI, Outi. Limits of freedom: agency, choice and constraints in the work of the translator. *In*: MILTON, John; BANDIA, Paul (eds.). *Agents of translation.* Amsterdam, Benjamins Translation Library, 2009, p. 189-208.

SANTAEMILIA, José. Sexuality and translation as intimate partners? Toward a *Queer Turn* in rewriting Identities and desires. *In*: BAER, B. J.; KAINDL, K. (ed.). *Queering translation, translating the Queer*: theory, practice, activism. New York; London: Routledge, 2018, p. 11-25.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Outside in the teaching machine*. New York: Routledge, 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Tradução como cultura. Tradução: Eliana Ávila; Liane Schneider. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, nº 48, p. 41-64, jan./jun. 2005.

NANTESUNIV. *Roland Gori - la fabrique des imposteurs*. Youtube, 10 set. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2FEtiA18lZU.

RAO, Sathya. "Peut-on envisager l'avenir de la traduction sans plaisir ? Pour une érotique du traduire". *In*: *Meta*, Université de Montréal, v. 50, nº 4, dez. 2005. Disponível em: https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2005-v50-n4-meta1024/019855ar/. Acesso em: 16/11/2022.

TREVISAN, João Silvério. O prepúcio do crepúsculo. *In*: TREVISAN, J. S. *O escritor por ele mesmo*: João Silvério Trevisan. São Paulo: IMS, 2000. (1 CD).

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*: uma história da tradução. Tradução: Laureano Pellegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. São Pualo: Editora Unesp, 2021.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 23-38